

# Oriente Médio: Terra em Fogo

**Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer**

Os jornais dos últimos dias têm horrorizado o mundo todo com as fotos horróricas e aterrorizantes das torturas cometidas contra iraquianos prisioneiros de guerra. Além da dor física que aniquila com as forças de cada um, temos sido expostos ao lamentável espetáculo da degradação e humilhação que os soldados americanos, muito especificamente uma soldada, faz com os detentos, expondo seus corpos e seus órgãos genitais a um verdadeiro processo de execração pública.

O Ocidente, que pretendia ser o lado mais civilizado do planeta se revela, ao contrário, absolutamente incivilizado, totalmente dominado pela barbárie e pela inclemência com seres humanos indefesos, presos por causa de sua ideologia política.

Diante do espetáculo que os últimos eventos no Oriente Médio vêm dando ao mundo, as ditaduras latino-americanas dos anos 60 a 80 vão parecendo brincadeiras de crianças. Os requintes de crueldade e perversidade parecem haver tomado conta das mentes e corações humanos. Por toda parte as fotos chocantes daqueles que procedem como modernos e pervertidos cruzados, tratando seus presos não cristãos como animais. Aliás, foi assim que sempre os consideraram quando voaram para o Oriente Médio famintos por petróleo.

Curiosamente, o Presidente Bush e seu assessor Rumsfeld não sabiam nada sobre isto, alienados confortavelmente na Casa Branca em atitude de autocomplacência. Parece, ao contrário, os livros sobre a guerra do Vietnã foram retomados das prateleiras novamente e que um novo genocídio está em curso, a ferro e fogo no Oriente Médio, contra toda a opinião pública mundial. Parece que, tristemente, a nação que se pretende a mais desenvolvida do mundo fez a história dar marcha à ré em vez de abrir de par em par, como prometera as portas da tecnologia global para o resto da humanidade.

Diante da barbaridade desta violência que nos é posta diante dos olhos, permitam-me evocar o pensamento e as palavras de uma grande mulher do século passado: Simone Weil, pensadora francesa, morta aos 34 anos durante a segunda guerra mundial.

Em todos os seus escritos, Simone Weil (SW) utiliza indiferentemente os conceitos de “força” e “violência”, de tal maneira que podemos afirmar que ela chega a identificar plenamente um e outro. Às vezes faz afirmações lançando mão de um conceito, como quando diz: “A violência esmaga aqueles que ela toca”. Mas dentro do contexto global da reflexão, a palavra “violência” tem o mesmo significado que “força”, da qual ela deu antes a definição precisando que “se trata daquilo que faz de qualquer um que lhe esteja submetido uma coisa”.

A crítica à violência e ao império da força está presente no pensamento de Simone Weil em termos amplos e universais. O processo da violência e a alienação que ele produz é, pois, segundo SW, um processo de reificação, ou seja, de assassinato. Só ao se libertar de toda dominação a força é que o ser humano pode então contemplar os três mistérios da existência: a verdade, a justiça e a bondade.

A violência é também, para SW, algo irracional. Por isso o ser humano, para ela, desperta para o pensar (por ela identificado com a filosofia) quando toma consciência da violência como algo radicalmente contrário às exigências de sua razão. A ética portanto, julga a violência, identificando-a como a negação da humanidade e lhe opõe uma negação categórica recusando-lhe toda dignidade.

É esse conhecimento da violência (que SW chama de “conhecimento da força”) e a recusa de submeter-se aos seus imperativos que funda o conceito mesmo de não violência. O homem forte - ao contrário do sentido comumente dado a isso - não seria aquele que possui os meios do poder e da violência, mas o que possui a sabedoria da não-violência. Aquele que possuía força é aquele que sabe resistir ao arrastar da paixão coletiva e guarda o controle de seu próprio destino. A virtude da força é o que se chama comumente a fortaleza de alma, ou o dom da fortaleza que permite enfrentar as provações e as vicissitudes da vida, mantendo-se firme no que se crê até o dom da própria vida.

Portanto, SW crê que a única fonte possível da não-violência é espiritual. Ela não se faz ilusões sobre o poder que teria essa força espiritual de se opor eficazmente à violência da opressão ou da agressão. As forças aparentes e “eficazes” geralmente são materiais, sendo a fortaleza espiritual, do pensamento ou da vontade, “essencialmente contraditórias”.

Olhando a situação do Oriente Médio, este pedaço do mundo onde parece que se acendeu uma fogueira mortal e inextinguível, não podemos nos impedir de pensar em Simone Weil e constatar e concordar, também nós, que parece que a reserva espiritual da humanidade está chegando ao fim e que é urgente que surjam novos líderes, homens e mulheres cheios de Espírito, para que os acontecimentos possam ter a chance de tomar outros rumos. Aqui fica um apelo lançado às religiões que são as que mobilizam as forças espirituais da humanidade. Se não puserem seu potencial em ação mais ousada e visivelmente, assistiremos ao lamentável espetáculo da marcha inexorável em direção à destruição do ser humano.